ANAIS

IX SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE PRÁTICAS RELIGIOSAS NO MUNDO CONTEMPORÂNEO

VII SEMINÁRIO DE PESQUISAS DO LERR/UEL

IV SIMPÓSIO REGIONAL SUL DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE HISTÓRIA DAS RELIGIÕES (ABHR)

VIII COLÓQUIO NACIONAL CULTURA E PODER (UNESPAR)

Laboratório de
Estudos sobre Religiões e Religiosidades (LERR)

Universidade Estadual de Londrina (UEL)

2021

A REPRESENTAÇÃO DA ESCRAVIDÃO EM PAULO DE TARSO.

Douglas de Castro Carneiro (UEL/ PQ)[1].

Resumo: Esta comunicação aspira investigar a representação da escravidão nas epístolas em Paulo de Tarso (5 d.C-67 d.C) que foram escritas entre os principados de Cláudio e de Nero (41 d.C.-68 d.C). Esta pesquisa é uma proposta de pesquisa de pós-doutorado que pretendemos desenvolver na Universidade Estadual de Londrina, partindo do seguinte problema, como o apóstolo dos gentios aventou a questão da escravidão, instituição que se fez presente em todo o Mediterrâneo Romano. Nosso objetivo geral, é analisar a representação da escravidão nas epístolas autênticas paulinas e seus múltiplos significados nas das Εκκλησία ao leste do Mediterrâneo Romano. Analisar as relações que Paulo de Tarso constrói para a compreensão da escravidão dentro das epístolas de sua autoria. Este texto possui um caráter de pesquisa baseado em fontes primárias e secundárias. Os procedimentos a serem utilizados são seleção e revisão de literatura, contextualização do objeto, leitura crítica que insurge diante da dinastia Julio-Cláudia e, em especial, na obra do apóstolo Paulo, bem como seus principais questionamentos sobre as representações da escravidão. Nossas contribuições esperadas são desenvolver pesquisas e publicar trabalhos de qualidade dentro de nossa área.

Palavras chave Paulo de Tarso. Escravidão. Epístolas.

INTRODUÇÃO

Esta comunicação aspira investigar a representação da escravidão nas epístolas de Paulo de Tarso (5 d.C.-67 d.C.). que foram escritas entre os principados de Cláudio e de Nero (41 d.C.-68 d.C). Partiremos do pressuposto que a escravidão era uma instituição presente no imaginário das comunidades ao leste do Mediterrâneo Romano. Por meio de uma análise de contexto e de conteúdo das epístolas correspondeu-se ao intuito de investigar como cada uma destas comunidades compreendeu tal fenômeno. Partindo dessa premissa, prevalece uma importante chave de leitura: Centraremos no estudo da trajetória de Paulo de Tarso (o apóstolo dos gentios) que parece constituir um marco nesse processo, desde uma vida irrepreensível dentro do judaísmo farisaico, que o levou a perseguir cristãos, até sua transformação e conversão, pregando a mensagem cristã em várias cidades do Mediterrâneo Romano (SELVATICI, 2002, p. 1).

Neste sentido, concordamos com a historiadora Monica Selvatici, que procura

[1] Doutor em História pela Universidade Federal de Goiás. Atualmente realiza estágio Pós-doutoral em História Social na Universidade Estadual de Londrina, sob supervisão da Dra. Monica Selvatici. E-mail: douglascarneiro229@gmail.com

traçar um paralelo da vida desse personagem tão importante para o desenvolvimento do movimento cristão. Contemporaneamente, acredita-se que Paulo viveu uma vida cheia de paradoxos.

Nascido e educado como judeu, tendo orgulho disso, viajou por todo o mundo "pagão" para pregar as "Boas Novas". Saulo ou Paulo teria adotado para si a fé que este perseguia e colocou-se como apóstolo de Jesus Cristo e não como um dos seus doze discípulos originários. Em razão disso, adotou um nome, Paulo, e judeu, Saulo esta referência conhecemos apenas pelo livro de Atos.

Todo um conjunto de fatores tem sido negligenciados, neste sentido, no primeiro século de vida do movimento cristão, inclusive como as diferentes comunidades fundadas por Paulo de Tarso e como suas epístolas fundamentaram as representações dessa instituição dentro de um segmento de um "imaginário social". Durante o Império Romano, havia uma forte desigualdade originada do sistema escravista, onde, de um lado um grupo pequeno que dominava e vivia na riqueza, e de outro lado, a maioria que trabalhava e vivia na pobreza, mas ainda na escravatura. Cabe lembrar que, na realização das tarefas não produtivas, nas casas e nas atuações como agentes dos senhores no comércio, ou em transações financeiras, ou como gestores de negócios como lojas e manufaturas, apenas escravos ou libertos participavam (JOLY, 2003). Nesse panorama, faremos um mapeamento das fontes textuais que procuram traçar a vida e obra do apóstolo Paulo. O Novo Testamento é composto por aproximadamente vinte e sete livros. O "apóstolo dos gentios" é reconhecido como autor da maioria dos textos neotestamentários. Estes eram documentos de circunstância para responder a inquietações concretas e momentâneas das comunidades. Mesmo assim, as cartas constituem-se como documentos que mais nos revelam sobre Paulo. Considerando estes argumentos, notamos os argumentos propostos por Funari e Vasconcellos (2017):

> Contudo, nem todas as cartas atribuídas a Paulo que levaram seu nome no cabeçalho foram ditadas pelo apóstolo, pois algumas foram compostas posteriormente por seus seguidores. Consideram-se sete como autênticas: Romanos (56-57 d.C), 1ª Coríntios (54-55 d.C), 2ª Coríntios (55-56 d.C), Gálatas (53-54 d.C), Filipenses (55 d.C), 1 Tessalonicenses (51 d.C) e Filemon (55 d.C). As demais, embora com graus maiores ou menores de segurança, tendem a ser tomadas como produtos de seguidores de Paulo: 2ª Tessalonicenses (70 d.C), Colossenses (80 d.C), Efésios (90-100 d.C), 1 Timóteo, 2 Timóteo e Tito datam do início do século II d.C (FUNARI; VASCONCELLOS, 2017, p.32).

Após breves explanações desses historiadores, apresentaremos agora os documentos por ordem cronológica e com o conteúdo de cada uma dessas obras que nos fazem

refletir sobre o tema presente dessa pesquisa. Segundo as pesquisas mais recentes, são o documento mais antigo do *corpus neotestamentário*.

Existe, hoje, entre os estudiosos do Novo Testamento, uma opinião quase consensual no sentido de considerar a 1ª Tessalonicenses a mais antiga das cartas que chegaram de Paulo (LOURENÇO, 2020).

Também é praticamente consensual entre os estudiosos que a carta foi escrita por Paulo a partir de Corinto, talvez por volta de 50-51 d.C. A congregação ou assembleia na cidade de Tessalônica fora fundada por Paulo, após sua permanência em Filipos. A carta nos leva a entender que os novos convertidos de Tessalônica tinham sido pagãos e que se encontravam em uma posição ingrata diante dos cristãos provenientes da Judéia.

A segunda carta que buscamos apresentar é 1ª Coríntios (datada por volta de 54-55 d.C). O povo para quem Paulo escreve 1ª Coríntios e outras cartas, é um grupo em que ele está iniciando suas relações, celebrações, crenças e atitudes diante de uma sociedade imperial que poderia trazer bases para a expansão de um movimento social que posteriormente se tornaria cristão.

Nessas várias configurações, Paulo proclamou a mensagem do seu Evangelho. E que se segue é um conjunto de regras e recursos que compreendem uma ordem simbólica do cristianismo paulino. Na segunda carta aos Coríntios, datada por volta de 55 a 56 d.C., sua dedicação era destinada a uma igreja específica. A historiografia sobre o tema é bem clara, quando afirma que 2ª Coríntios é um conjunto de muitas cartas que se perderam e que foram condensadas em um único texto.

Entretanto, as cartas de Paulo não eram cartas pessoais, assim como estas três correspondências, o que dificulta o modo como devemos classificar as epístolas paulinas devido as circunstâncias sociais e políticas. De acordo com Francisco Benedito Leite (2012), a Epístola aos Gálatas se sobrepõe em importância aos demais textos de autoria paulina em alguns aspectos culturais e linguísticos. Notemos o seu destaque do ponto de vista biográfico: apenas ali temos uma narrativa da trajetória de Paulo contada por ele mesmo.

Destaca-se também as tensões do cristianismo primitivo, já que a própria epístola é testemunha dos reclames de uma das alas de um debate caloroso que se vê ao longo de todo o seu texto.

A epístola de Paulo a Gálatas aborda o relacionamento dos cristãos gentios. Porém, tais temas são motivados por um conflito que faz parte de uma sequência de eventos: após a fundação da comunidade, missionários rivais chegaram lá apresentando uma mensagem

contrária à pregação original de Paulo. A interferência destes rivais motivou o envio da carta.

A epístola aos Filipenses fora escrita por volta do ano de 55 d.C. Paulo experimentou o desenvolvimento do seu existir inserido num ambiente cultural que detinha - não somente na ótica da religião judaica, mas do próprio mundo greco-romano - noções bem claras acerca das leis (PEREIRA, 2019). A epístola aos Filipenses e sua posição no *Corpus Paulinum* tem sido bastante controversa. Percebe-se que Paulo teria escrito essa carta enquanto estava no cárcere, o que não impediu de exercer uma boa atividade missionária (PEREIRA, 2012).

Ele recebeu uma doação da comunidade de Filipos por intermédio de Epafrodito. E, em seguida, mandou o amigo de volta por gratidão. Paulo ainda informa que tinha o desejo de visitar a comunidade, além de ter a esperança de ser liberto para a execução que o esperava.

A próxima carta que iremos analisar é a carta destinada a Filemon, redigida por volta do ano de 55 d.C. A carta, como entendemos, sugere que Onésimo, o escravo que pertencia a Filemon, havia fugido da casa do seu senhor, porém não se sabe em quais circunstâncias. O pedido de Paulo a Filemon, em alguma medida, fora inusitado para a época. Esta carta, em especial, é importante para o desenvolvimento deste projeto de pesquisa, pois trata, na prática, de um pequeno bilhete enviado por Paulo à Filemon tratando sobre o seu escravo Onésimo. A última carta que acreditamos estar no hall das autênticas é a epístola aos Romanos escrita por volta de 56 d.C.

Paulo escreveu sua carta de maior folego teológico, a carta aos romanos foi um marco importante em sua trajetória. Ela representou um legado teológico expresso e à disposição da comunidade para consultas permanentes quanto a conduta cristã frente a conduta latina e grega adotada no Império Romano.

As chamadas epístolas deuteropaulinas (tais como 2ª Tessalonicenses, Colossenses, Efésios, 1ª, 2ª Timóteo e Tito), serão analisadas para a compreensão do pano de fundo do contexto social, político e cultural do Mediterrâneo Oriental Romano. Em suma, este conjunto de cartas nos dá a possibilidade da compreensão da importância do estudo sobre a escravidão na ótica paulina e como ela foi compreendida pelo autor da maior parte das obras do Novo Testamento.

METODOLOGIA

Nossa documentação é constituída pelas epístolas paulinas, em especial, as consideradas autênticas: Romanos, Primeira Coríntios, Segunda Coríntios, Gálatas, Filipenses, Filemon e Primeira Tessalonicenses. Pretendemos, nesse contexto, ampliar nosso escopo de fontes e tentar compreender a questão da escravidão nas obras do apóstolo Paulo.

Esta comunicação possui um caráter de pesquisa baseado em fontes primárias e secundárias. Os procedimentos a serem utilizados são seleção e revisão de literatura, contextualização do objeto, leitura crítica que insurge diante da dinastia Julio-Cláudia e, em especial, na obra do apóstolo Paulo, bem como seus principais questionamentos sobre as representações da escravidão.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

No campo historiográfico e para a discussão das representações da escravidão nos remetemos aos estudos de representações de poder que estão associados à História Social, uma vez que, segundo Sandra Jatahi Pesavento há uma relação entre imagens e discursos.

> As imagens e os discursos sobre o real não são exatamente o real ou em outras palavras, não são expressões literais da realidade como um espelho fiel. As representações mentais envolvem atos de apreciação, conhecimento e reconhecimento e constituem um campo onde os agentes sociais investem seus interesses e sua bagagem cultural. As representações objetais, expressas em coisas, são produtos de estratégias de interesses e manipulações. (PESAVENTO, 1995, p. 15)

De fato o imaginário trabalha modelando a representação de um horizonte psíquico habitado por representações capitalizadoras de afetos, desejos e emoções, esperanças e estimulações, criando, dessa forma, o próprio tecido social que é urdido pelo imaginário (SWAIN, 1994).

Desse modo, o imaginário social é uma das forças reguladoras da vida coletiva (BACZKO, 1991), uma vez que, assim como as demais referências simbólicas, os imaginários sociais e suas representações não nos indicam somente os indivíduos que pertencem a uma mesma sociedade, mas também definem, precisamente, os meios inteligíveis de suas relações e

suas divisões internas. Isto posto, a história do imaginário estuda essencialmente as imagens produzidas por uma sociedade, englobando tanto as imagens visuais quanto as imagens verbais (BARROS, 2007).

Nesse sentido:

> A noção de imaginário de qualquer forma é complexa e aberta aos sentidos diferenciados, o que não impede que tenha gerado uma dimensão historiográfica importante. A história do imaginário não se ocupa propriamente dessas longas durações nos modos de pensar e de sentir, mas da articulação das imagens visuais, verbais e mentais como a própria vida que flui em uma determinada sociedade. Logo, estabelece-se uma relação entre os estudos sobre o imaginário e os estudos sobre representação (BARROS, 2007, p. 28).

A leitura complexa e multidimensional dos objetos culturais, representações e práticas tem levado os historiadores a ampliar suas perspectivas de estudos e interesses sociais. (BARROS, 2011).À vista disso, a representação é o conhecimento mediato, que se faz ver como um objeto ausente e substituído por uma imagem, capaz de repô-la pela memória e de pintá-la tal como é (CHARTIER, 2011). As investigações sobre representações supõem estarmos sempre colocados num campo de concorrências, cujos desafios se enunciam em termos de poder e de dominação.

Dito de outro modo, os conceitos demonstram a exteriorização simbólica de tais lutas, já que seriam capazes de comandar atos dentro dessas estruturas (PACHECO, 2008), as representações demonstram uma presença pública de si mesmo (CARVALHO, 2005). O referente e a sua imagem precisam se identificar, a aparência deve ser tomada pelo ser. Assim, o passado coletivo torna-se fonte de legitimação. Ele é uma reserva de imagens, de símbolos, de modelos de ação que permitem empregar uma imagem idealizada, construída e reconstruída, segundo as necessidades, a serviço do poder presente. Em nosso entender, o governo estabelecido unicamente pela força parece ter sua existência constantemente ameaçada, pois a opressão explícita é uma permanente inspiração para revoltas (FONSECA, 2007).

O poder e a política passaram, assim, ao domínio das representações sociais e de suas conexões com as práticas sociais, colocando-se como prioritária a problemática do simbólico (FALCON,2007). Dentro desse contexto, podemos compreender as diversas representações sobre a escravidão presente nas epístolas paulinas.

DESENVOLVIMENTO

Paulo escreveu suas cartas para pessoas e igrejas. As igrejas, entretanto, não significavam seus próprios prédios e sua equipe pessoal. Assim, como notamos, que a palavra Εκκλησία - que pode ser melhor traduzida como "congregações", desde que se referia a um grupo de pessoas. Isso torna provável que cada carta, depois de ser lida por toda a congregação, foi mantida por indivíduos, provavelmente aquele que era capaz, foi um local de reunião. Podemos supor que as pessoas que guardavam as cartas com mais cuidado do que outros escritos (SANDERS, 2015). Neste sentido, podemos entender que alguns conceitos eram essenciais para o mundo mediterrâneo, em especial para o apóstolo dos gentios, tal como a escravidão foi. Sendo assim, podemos compreender tais relações conforme a passagem abaixo:

> Paulo, escravo de Cristo Jesus, chamado apóstolo destacado para [a] boa nova de Deus, que Ele prometera através dos seus profetas em santas Escrituras a respeito do seu filho, nascido da semente de Davi, segundo a Carne, constituído filho de Deus em poder, segundo um espírito em santidade, a partir da ressurreição dos mortos, Jesus Cristo nosso Senhor, através de quem recebemos graça e apostolado para obediência da fé entre todas as nações em prol do seu nome; entre os quais também estais vós; chamados de Jesus Cristo: a todos os amados de Deus que estais em Roma, chamados santos: graça e paz para vós, diante de Deus nosso pai e do Senhor Jesus(Rm. 1:1-7)

O apóstolo dos gentios apresenta-se a esta comunidade que não fora fundada por ele, como *doulos*, que pode ser traduzido como escravo, trazendo as boas novas de seu evangelho. O uso complexo da metáfora da escravidão por Paulo reflete a complexidade da escravidão greco-romana, chamando-se assim mesmo como "escravo de Cristo" (MARTIN,1990).

Paulo clama por certo tipo de autoridade, e, ao mesmo tempo em que ele chama a si mesmo de escravo de todos, mostra que este tipo de comportamento refere-se como uma metáfora. Além da escravidão ser uma realidade dentro do universo romano no Principado, entenderemos que Paulo utiliza a escravidão como recurso didático, aplicável à sua mensagem. A escravidão em si cumpre um papel didático para ensinar a todos os crentes, cuja obediência é ao Senhor, pois são todos seus escravos.

Para ele não é possível de se compreender as coisas que lhes são eternas sem observar as coisas que lhes são imediatas, triviais e cotidianas. Mediante a oposição entre escravos e livres, encontramos em Paulo a composição de diversas metáforas que ajudavam a comunicar os seus leitores acerca das disposições sociais adequadas ao novo enquadramento social proposto (CARVALHO, 2017).

Desta forma, o apóstolo Paulo dá detalhes a elementos metafóricos a respeito da

escravidão no principado, que era em si uma instituição já conhecida em que ele não fazia críticas diretas. Sendo assim, afirma Paulo de Tarso:

> Não sabeis que aquele a quem vos cedeis, como escravos para a obediência, desse a obedeceis sois escravos, quer de erros para a morte, quer de obediência para a justiça? Mas graça[s] a Deus, porque éreis escravos do erro [não obstante] obedeceste a partir do controle da doutrina a que fostes entregue; libertos do erro, vos tornaste escravos da justiça. Falo humanamente por conta da fraqueza da vossa carne. Pois tal como cedeste os vossos membros como escravos à impureza e ao desregramento, cedei-os agora como escravos à justiça para [vossa] santificação. (Rm 6:16-19)

Nestes versos, Paulo de Tarso deixa claro estas representações e metáforas acerca do significado e da significância da escravidão dentro do âmbito do Novo Testamento, em especial, no mundo ao leste do Mediterrâneo Romano. O prestígio estava distribuído em uma multidimensionalidade na antiguidade romana, entre as descrições do status social mediante uma categoria única e geral (MEEKS, 1988,).

Paulo não incitava a sublevação da ordem social, apenas propunha aos escravos a luta pela liberdade, no entanto oferece a eles outra forma de liberdade, a liberdade em Jesus Cristo, relativizando em si a ideia de liberdade em um ambiente mais espiritualizado (ABREU, 2015). Sendo assim, podemos compreender estes e outros detalhes na passagem abaixo:

> Escravos, obedeceis a vossos senhores segundo a carne com medo e tremor e na simplicidade de vosso coração, como se obedecei a Cristo, e não numa escravidão só de ver, se quisésseis agradar as pessoas, mas como escravo de Cristo, fazendo a vontade de Deus, a partir da alma desempenhando o trabalho de escravo com boa vontade como se servissem a Deus e não a pessoas humanas, sabendo que cada um se algo fizer de bom, isso receberá da parte do Senhor, seja ele escravo ou homem livre (Ef 6|:25)

Nesta passagem, Paulo deixa bem claro as relações complexas que existiam junto à comunidade de Éfeso. Estas relações sociais desenvolveram-se além do sentido metafórico que o apóstolo dos gentios apresenta num âmbito mais amplo.

Uma leitura superficial das epístolas "pastorais" indica que estas foram escritas por Paulo, tendendo a confirmar a autoria paulina. Neste ambiente social averiguamos que estas cartas são ricas de expressões que tratam da posição de Paulo de Tarso sobre a escravidão.

Assim como na carta dedicada a Onésimo, podemos verificar que a situação deste pode ser representada de duas formas: Geralmente ele é representado como um escravo fugitivo que acabou se convertendo a mensagem paulina. A segunda hipótese parte do pressuposto que este seria enviado para Paulo, que se encontrava preso. Sendo assim, notamos algumas

referências, possibilitando o entendimento dos pressupostos que indica o apóstolo. Por fim, podemos entender que a escravidão nas epístolas paulinas era, na verdade, uma realidade dentro do contexto do Império Romano.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta comunicação tivemos como objetivo analisar as representações da escravidão nas epístolas paulinas. Paulo de Tarso, era conhecido muito por sua mensagem religiosa de conversão dos gentios. Entretanto, faltam estudos que ressaltam a importância da escravidão no ambiente das comunidades religiosas cristãs. A partir desse tratamento, notamos que o apóstolo dos gentios trata-se muitas vezes como um "escravo de Cristo" ao se apresentar em grupos que muitas vezes não lhe era familiar. Já que as primeiras impressões que os cristãos tinham de Paulo era de um perseguidor da fé cristã.

REFERÊNCIAS

Fontes

BÍBLIA NOVO TESTAMENTO: APÓSTOLOS, EPÍSTOLAS, APOCALIPSE. Traduzido por Frederico Lourenço. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2020.

Bibliografia

ABREU, Odailson. Volpe. **O trabalho como elemento formativo nas cartas de Paulo de Tarso.** (Dissertação de mestrado em educação). Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Estadual de Maringá, 2014.

BACKZO, Bronislaw **Imaginación Social:** Imaginario Sociales. Ediciones Nuevas Visiones, 1991.

BARROS, José de Assunção. História, Imaginário e mentalidades: delineamentos possíveis? **Conexão – Comunicação e Cultura**, Caxias do Sul, v. 6, n. 11, jan./jun. 2007.

_____Nova História Cultural – considerações sobre o seu universo conceitual e seus diálogos com outros campos históricos. **Cadernos de História**, Belo Horizonte, v. 12, n. 16, 2011.

BORGES, Airan. Santos, SANTOS, Karina. O discurso paulino e as representações da escravidão romana no século 1 d.C: Um estudo de caso sobre a epístola a Filemon ***Romanitas***

– **Revista de Estudos Grecolatinos**, n. 9, p. 177-193, 2017.

CARVALHO, Ana Paula. P.Scarpa **A Formação das Primeiras *Ekklesiai no Mediterrâneo Antigo: Fronteiras e Integrações nas Epístolas Paulinas***. (Dissertação de mestrado em História), Programa de Pós-Graduação em História. Universidade Federal de Ouro Preto, 2017.

CARVALHO, Francismar Alex Lopes. O conceito de representações coletivas segundo Roger Chartier. **Diálogos**, Maringá, v. 9, n.1, p. 143-165, 2005

CHARTIER, Roger. O mundo como representação. **Estudos Avançados**, [s.l.], v. 11, n. 5, 1991.

_____ **A História cultural entre Práticas e Representações**. Rio de Janeiro: Difel, 1990.

FALCON, Francisco. História e Poder. In: CARDOSO, Ciro. Flamarion.; VAINFAS, Ronaldo. **Domínios da História.** Rio de Janeiro: Campus, 1997. p. 97-138

FONSECA, André. Azevedo. A imaginação no poder: o teatro da política na encenação da legitimidade. **Revista Contratempo**, [s.l.], n. 1, p.167-182, 2007.

FUNARI, Pedro. Paulo. Abreu. VASCONCELLOS, P. L **Paulo de Tarso: Um apóstolo para as nações.** São Paulo, Ed. Paulus, 2017.

JOLY, Fábio Duarte. A escravidão romana em perspectiva sincrônica: escravos e libertos sob o Principado de Nero. **Politheia**. Vitória da Conquista, v. 03, n. 01, 2003

LEITE, Francisco. B. **A Metáfora do corpo na 1ª Carta de Clemente de Roma aos Corintios (37:5-38:1) Uma análise dialógica.** (Dissertação de Mestrado em Ciências da Religião), Unimesp, 2012.

MARTIN, Dale. B **Slavery as Salvation. The Metaphor of Slavery in Pauline Christianity**. New Haven, Yale University, 1990.

MEEKS, Wayne. **Os Primeiros Cristãos Urbanos**: o mundo social do apóstolo Paulo. São Paulo: Edições Paulinas, 1992.

PACHECO, André. As estruturas antropológicas do imaginário e o tríplice juramento de Hermes. **Labirinto** (UNIR), v.2, n.1, p. 01, 2008.

PEREIRA, Paulo. Tarso Veras. **Perder tudo para Ganhar: A catarse paulina por Cristo sob a ótica de Filipenses 3,7-14.**(Dissertação de mestrado em teologia), Universidade Católica de Pernambuco, 2019.

PEREIRA, Sandro. **A Saga do Herói e o esvaziamento de Cristo: Análise de Filipenses 2,5-11.**(Mestrado em Ciências da Religião). Programa em Pós-Graduação em Ciências da Religião, Universidade Metodista. 2012.

PESAVENTO, Sandra. Jatahi. Em Busca de uma outra história: imaginando o imaginário. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v.15, n.29, p. 9-27,1995.

SANDERS, E.P **Paul The apostle's Life, Letters and Thought** Fortress Press, 2000.

SELVATICI, Monica. ***Tradição Judaica, Cultura Helênica e Dinâmica Histórica: o Cristianismo de Paulo de Tarso em perspectiva***. Rio de Janeiro: UFRJ, 2002 (dissertação de Mestrado).

SWAIN, Tânia Você disse imaginário? In: SWAIN, Tânia(org) **História no Plural .**Brasília. ED.UNB,1994 p.15-25.